

A carestia porém do azeite tem prejudicado, segundo me disseram, as qualidades do produto.

Algumas notícias, que recolhi, podem ser aproveitáveis em futuros trabalhos. Na ribeira de Belver, ribeira que desemboca no Tejo ao fundo do castelo, há um pego, chamado o *Poço das Pombas*, junto à sua foz, vendo-se aí a entrada duma galeria de tejo-lo, que vai dar ao castelo; a entrada porém está entulhada; isto disse-mo o mesmo distinto médico a quem acima me refiro, como tendo-a visto, quando, na sua mocidade, ali ia banhar-se.

Na margem direita da Ribeira de Canas, ainda freguesia de Belver, há a *Lapa da Moura*, onde se vêem vestígios de exploração duma gruta.

As raparigas que pertencem àquelas margens procuram ouro nativo na ribeira, para depois comprarem os seus enfeites com a permuta dos achados.

Na herdade da Represa há restos de albufeira romana e vestígios de mina; em Gavião chamam a ribeira da Margalha.

Em Belver até às margens do Raia, não há antas; na margem esquerda do Raia há a herdade dos Antões, que poderá ser plural de nome de pessoa. Isto pertence ao concelho de Nisa; há lá muitas antas.

F. ALVES PEREIRA,

ex-conservador.

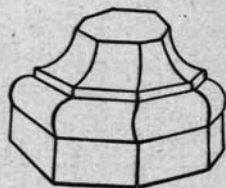


Fig. 7

Facas e raspadores da estação paleolítica de Monsanto I

Em artigo publicado na primeira parte do volume XVII do *Archeologo Português*, subordinado ao título de «O Paleolítico em Portugal—Estado actual do seu estudo», apresentei algumas considerações sobre o que me parecia ter sido até a data, Maio de 1912, o trabalho produzido neste ramo da ciência arqueológica. Nessas notas referi-me ao descobrimento da estação de Monsanto I, apontando-o como origem do renascimento do estudo do paleolítico português, e classificando-a como principal monumento dentro da área desse estudo. Algumas palavras ainda, sobre a estação:

Dá-se o nome de Serra do Monsanto ao conjunto maciço de elevações, cujas cotas oscilam entre 116 e 225 metros, que a oeste

e ao norte de Lisboa ocupam uma área de algumas centenas de hectares.

Neste sistema orográfico se encontram as maiores altitudes conhecidas nos arredores da capital, e de muito longe se avista a massa confusa e pesada que todas essas elevações formam, amalgamadas numa espécie de calote monstruosa, sem relevos nítidos, nem pitoresco de aspecto. Mas o que ao longe parece uma só peça, transforma-se para quem percorre a serra numa série de cabeços mais ou menos elevados, separados por valeiros profundos, onde uns fios de água invernais recordam apenas as torrentes caudalosas que nos tempos quartenários os escavaram. O maior desses vales é sem dúvida aquele que costeia as faldas ao sul da serra e em cujo talvegue corre a Ribeira de Alcântara.

Olhada do curso da ribeira, a serra aparece distribuída em 3 maciços fundamente divididos: para a esquerda, o de maior extensão de cumiada, sobre que se elevam moinhos com grandes asas claras, prontas a tomar vôo na direcção do rio; no centro, um montão de calcáreos esventrados pela exploração das pedreiras; para a direita, uma chapada sangüinea que o aqueduto corta ao meio com a balisagem gigante dos seus pègões de cantaria ennegrecida.

É neste ponto da serra que se encontra a estação de Monsanto I. No maciço central existem, sobrepostas, uma estação paleolítica, a que chamo Monsanto II, e uma estação neolítica, que denomino «Vila Pouca»; não é porém a objectos de nenhuma delas que me vou referir agora.

Em 1909, o professor Bouvier-Lapierre, de passagem em Portugal, encontrou esta estação de Monsanto I e pode considerar-se o seu verdadeiro descobridor, embora o colector da Comissão Geológica, António Mendes, tivesse anos atrás, sem ligar importância de maior ao achado, recolhido nela uma faca de silex de tam bela aparência e tipo clássico, que ainda nenhuma outra igual a referida estação forneceu.

Foram poucos os achados daquele professor, talvez por falta de tempo, e igualmente poucas as primeiras colheitas do Museu Etnológico, no local. Nos últimos dois anos, porém, talvez por melhor conhecimento da matéria por parte dos exploradores, a estação tem fornecido exemplares interessantíssimos do que em França se chama acheuleano e musteriano. Avultam, entre os objectos recolhidos, dois belos *coups-de-poing* de 0^m,200 e 0^m,234 de comprimento, respectivamente recolhidos pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos e pelo autor destas linhas.

Os instrumentos que em Monsanto apresentam formas correctas e definidas, são os *coups-de-poing* (picões (?), em português), — abundantes —, as facas — abundantísimas —, os raspadores — em reduzida quantidade —, os núcleos, as pontas e os percutores; furadores, burris, etc., não são nem frequentes nem de formas características, embora por excepção se encontrem exemplares perfeitos.

A matéria empregada no fabrico é um belo sílex marítimo, que aparece em bolas e *rins* de todos os tamanhos entre o cretáceo que na serra forma o revestimento do maciço central e de parte dos laterais.

Dos objectos encontrados por mim nesta estação irei pouco a pouco fazendo uma análise minuciosa, por categorias. Nada é definitivo neste trabalho; novos achados podem, dum momento para outro, acrescentar as séries já organizadas.

*

Vou hoje ocupar-me das facas e raspadores da minha colecção paleolítica de Monsanto I¹.

Tomando um bloco de sílex, o selvagem quaternário tirava da massa informe, por sucessivos desbastes de lascas, um instrumento. Para essas lascas, que a percussão faz saltar fora do bloco-madre, escolhi o nome de *rachas*.

É tempo já de adoptarmos para cousas nossas uma terminologia nossa, de harmonia com os objectos ou ferramentas ainda hoje usados, que outra coisa não são mais que transformações civilizadas dos primeiros instrumentos de pedra. *Rachas*, chamam os canteiros da região calcárea de entre Cintra e Lisboa às lascas que o desbaste da cantaria ocasiona; com êste fundamento recolho o termo. Quem escrever sobre estes assuntos que apresente mais nomes.

As rachas provenientes da fabricação dum instrumento paleolítico são de dois feitios: longas ou largas. De ambas se aproveitou o homem pre-histórico; das longas fez as facas e os *grattoirs*; das largas os raspadores e as pontas. Com o tempo aprendeu a tirá-las já com feitio próprio, dos blocos-madres; donde os núcleos prismáticos.

É grande a minha colecção de facas provenientes de Monsanto I. O Museu Etnológico possui também muitas.

¹ Essa colecção foi oferecida ao Museu Etnológico, onde se encontra.

Numa série de 40, escolhidas, pude verificar certas diferenças que vou apresentar sob a designação de dois tipos, *A* e *B*:

Tipo *A*.

Antes de mais nada: uma faca moderna consta de duas partes, lâmina e cabo; assim também uma faca paleolítica. Uma faca tem além disso a base, a ponta, as faces inferior e superior, cousas estas de indispensável embora fácil conhecimento para quem estuda este assunto na pedra.

As facas do tipo *A* são estreitas, de secção triangular, tem a aresta do dorso, que é sempre alta, recta ou torcida em zigue-zague, terminam e começam em bico, e são rectas ou curvadas para a direita ou esquerda, indiferentemente.

Na face inferior são, em geral, lisas e côncavas, sendo raras as levemente convexas e raríssimas as de pronunciada convexidade. Das outras duas faces, uma é quasi sempre lisa e sem recortes, mas a outra apresenta uma série de pequenos desbastes de cavamento ligeiro.

O comprimento destas facas varia entre 0^m,08 e 0^m,12. A média da largura vai de 0^m,02 a 0^m,03. Quasi todas são um pouco mais estreitas na base, alargando depois e volvendo a estreitar, até terminarem em bico.

Em muitas encontra-se a base partida; quando existe, termina sempre em ângulo, às vezes de lados arredondados ou ogivados; na base de muitas também falta ou não se conhece o concóide de percussão; em casos raros mostra-se esse concóide na ponta da lâmina.

O cabo, é na faca de sílex uma parte mais estreita, ou uma pequena superfície plana obtida na base pelo desalveolar duma racha que se fez saltar duma parte da aresta, adelgçando-a nesse ponto. Varia de tamanho, não alcançando grandes dimensões. Numa faca de 0^m,06 de comprimento o cabo era de $\frac{1}{3}$;



Fig. 1

noutra de 0^m,08, de $\frac{1}{5}$; noutras, de $\frac{1}{4}$ do tamanho total. Variável, como se vê.

Das duas facas que acompanham esta parte do artigo, a fig. 1 é a maior que possuo agora: mede 0^m,13 de comprimento, apesar de ter a ponta um pouco quebrada. A largura máxima é de 0^m,035, que se mantêm irregularmente. A espessura é de 0^m,02. Secção triangular.

O cabo é formado por um estreitamento do sílex. Tem 0^m,25 do tamanho total e 0^m,02 de largura.

A fig. 2 representa uma pequena lâmina, perfeita. Tem 0^m,06 de comprimento, estando portanto abaixo da média geral inferior, que é 0^m,08. O cabo é um terço do instrumento.

Dêste tipo *A* existe uma variedade constituída também por facas de secção triangular, mas de pouca espessura e grande largura. Alguns exemplares que possuo, dêste género, são de dimensões que variam entre 0^m,10 e 0^m,11 em comprimento, de 0^m,04 e 0^m,05 em largura, tendo como espessura máxima, 0^m,01.



Fig. 2

Tipo *B*.

No tipo *B* abranjo eu todas as restantes facas de secção irregular ou trapezoidal. Como diferenças principais encontro que são menos espessas que as do tipo anterior, pois apenas alcançam 0^m,01, mais largas (entre 0^m,03 e 0^m,04), e começam e terminam irregularmente, em bico, em recta ou em redondo. Em comprimento andam à roda de 0^m,08, umas, outras de 0^m,10. No resto seguem as regras gerais.

A pátina que todas apresentam, tanto as dêste tipo como as do tipo anterior, é de bela cor branca, ligeiramente tocada em pontos dum rosado-arroxeadado muito fino. Só algumas facas que arranquei a três e mais metros de fundo na camada própria é que conservam o tom do sílex quebrado de fresco, êste mesmo manchado de toda a sorte de concreções.

As facas de sílex eram utilizadas para cortar com as arestas agudas. ¿Como as seguravam para executar êsse acto? De três modos: ou apoiavam a mão no cabo de pedra, sem resguardo algum, ou envolviam êsse cabo em filamentos vegetais formando uma espessura em que a mão assentava bem, ou finalmente introduziam a pega da lâmina dentro dum pedaço de chifre ou de madeira vasados, formando assim um verdadeiro cabo, no sentido moderno da palavra.

São estes os três processos que empregam para segurar as facas de sílex os povos selvagens da América e África onde tais instrumentos ainda são conservados.

Na fig. 3 apresento uma faca usada comumente pelas povoações esquimós de Disko-Fjord (Groenlândia)¹, e que se compõe duma fôlha de sílex encabada em chifre de rena; o objecto, que tem a aparência das nossas raspadeiras modernas, que não só raspam como também cortam, mostra claramente o estreitamento da fôlha ao introduzir-se no cabo.

Todas as facas de que me tenho occupado pertencem aos tipos do musteriano francês, e emprego para as designar esse nome, em vez do de lâminas (*lames*), como queria Mortillet, porque penso que estas *rachas*, oblongas, regulares, de bordos paralelos e gumes afiados, não tinham outra utilização senão a que o próprio nome de faca lhes define.

Nas estações paleolíticas de Portugal, já hoje tam numerosas, as facas apenas são dignas de nota em Monsanto I; as das outras estações são geralmente pequênas, irregulares e pouco abundantes.



Fig. 3

Raspadores de Monsanto I

O raspador é talvez o instrumento que aparece em maior quantidade nas estações paleolíticas; as suas formas perfeitas, caracterizam em França o acheuleano e o musteriano. Entre nós, que por enquanto apenas podemos fazer duas divisões no Paleolítico, Inferior e Superior, encontram-se nas estações do primeiro tipo, que é o único vulgar no país. Falando aqui de raspadores, quero apenas referir-me aos *racloirs*; os *grattoirs* franceses parece-me que devem entrar apenas nas variedades dos primeiros.

Em Monsanto I encontro três tipos definidos de raspador, a que chamarei *A*, *B* e *C*.

Tipo *A*.

Os do tipo *A* são do feitio dum *D* tôsko, às avessas, apresentando um lado de forma recta em cujos extremos se apoia um arco de cir-

¹ *Zeitschrift für Ethnologie*, 1912, Heft III u. IV, pág. 622, fig. C.

culo. Toda a linha curva do *D* é retocada, mostrando a utilização do instrumento. Por excepção, o bordo recto pode também ser talhado, como se vê na fig. 4. São pouco espessos, engrossando porém ao longo da linha recta, para maior comodidade de preensão. Posso apenas três exemplares dêste tipo.

Os raspadores perfeitos e típicos rareiam em Monsanto I, quando tam abundantemente se encontram nas estações dos tipos Casal do Monte-Damaia; além disso é também de notar que sendo os instrumentos em cujo fabrico deixaram ficar fazendo parte integrante do objecto pedaços da casca do sílex, tam raros nesta estação, quasi todos os raspadores daqui apresentam essa casca no dorso, o que indica um processo especial para êles; vê-se que os aproveitaram das primeiras rachas que saltaram do bloco-madre. Nos exemplares que possuo a face inferior é lisa e o retoque vertical, belamente patinado, apresentando os raspadores dimensões que variam entre 0^m,05 e 0^m,07 em comprimento, e 0^m,055 e 0^m,035 em largura, encontrando-se como espessura máxima, 0^m,023.

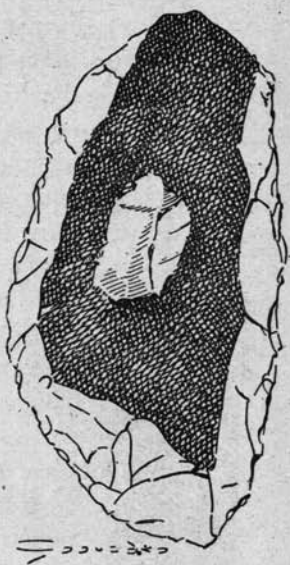


Fig. 4

Esta forma de raspadores encontra-se abundantemente na Europa e até na Ásia, pois numa publicação sobre a Fenícia prehistórica¹ os encontrei perfeitamente iguais no espólio da célebre gruta de Antelias.

Tipo B.

Os raspadores dêste tipo divergem dos do tipo anterior apenas em que neles foi aproveitado todo o perimetro do instrumento, para raspar.

Para os fazer aproveitaram a racha tal como saíu do bloco, retocando-a depois em toda a volta; no tipo anterior o retoque era exclusivo do arco de círculo, tirando casos excepcionais como o da fig. 4. É êste o tipo que tem melhor representação nas colecções de Monsanto I; são 10 os que possuo assim. A forma de todos é uma oval

¹ *La Phénicie avant les phéniciens*, «L'âge de la pierre», par G. Zumoffen, pl. VII, fig. 15.

larga, regular ou irregular, visto que qualquer saliência mais fora da linha não conta no conjunto.

Em muitos, o retoque ocupa apenas a fimbria do dorso; noutros porém entra largamente pela casca rugosa do sílex, tornando-se de vertical em pronunciadamente oblíquo. Estou certo que haveria quem chamasse, a muitos deles, *grattoirs*, mas não vejo razão para diferenciar por classes, simples divergências de tipos do mesmo objecto, o raspador. Em quasi todos a face inferior é lisa, distinguindo-se bem o concóide e as esquirolas da percussão. Nesta mesma face podem seguir-se as variações da pátina, que nos objectos desta estação ou

é totalmente alva, ou apresenta um entrecruzamento de côres em que se notam o roxo claro, o rosado e o tom mate do sílex, sendo esta última coloração aquela que apresentam os objectos meio *ca-chalongados*.

Nestes raspadores apparecem-me, com igual representação, duas médias de comprimento, $0^m,05$ e $0^m,08$. De admirar será até que se encontre em Monsanto um raspador de maior dimensão que a última apontada, visto que inúmeros objectos desta estação, de todas as categorias, apresentam com grande constância a medida de $0^m,08$, mais milímetro, menos milímetro, o que indica quanto a mim uma intenção ma-

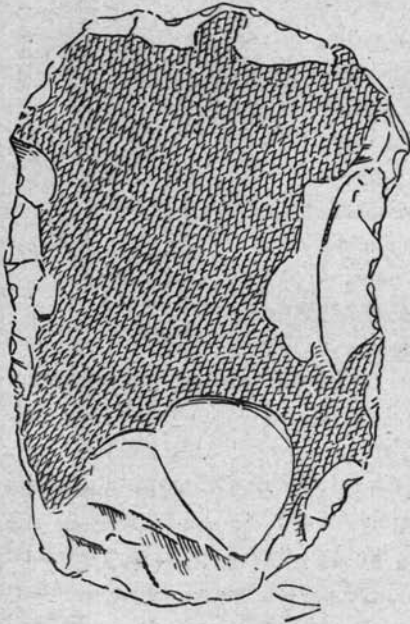


Fig. 5

nifesta da parte dos selvagens artifices.

O que vai representado na, fig. 5 tem $0^m,081$ de comprimento, $0^m,051$ de largura e $0^m,016$ de espessura na parte mais alta do dorso, abaulado em concha. É um exemplar perfeito, com retoque fino, curto e oblíquo em todo o perímetro do objecto, apresentando a casca quasi completa, excepto no local do plano de percussão onde saltaram várias pequenas rachas.

Tipo C.

Ambos os tipos de raspador aqui descritos já, apresentam a superfície de utilização cortada em linha convexa, entrando consequen-

temente na categoria de *raspadores convexos*, que são a grande maioria. Outro tipo de raspadores há, porém, em que um dos gumes apresenta uma concavidade aproveitada, donde lhes provém o nome de *côncavos*. É muito curioso este tipo de instrumentos.

O raspador, que servia não só para raspar e preparar peles mas também para cortar, descascar e aperfeiçoar troncos, madeira e osso, apresenta tantas formas quantas o homem pre-histórico achou conveniente dar-lhe, segundo a diversa utilização do instrumento.

¿Seria propositado o talhe dêste tipo de raspadores? Não o creio.



Fig. 6

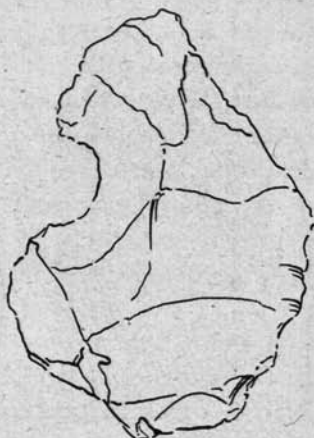


Fig. 7

Julgo antes que os aproveitavam de pedaços de sílex que naturalmente apresentassem a concavidade desejada, afeiçoando-os um pouco. O retoque não fica exclusivo do arco de círculo, antes todo o instrumento partilha dêle. A concavidade é que varia muito de abertura.

Não se podem confundir com este tipo de raspadores aqueles outros a que Mortillet denomina *coches*; êsses são raspadores de bordos normais, em que se abre um meio círculo mais ou menos fundo, mas pequeno. Tem porém grande analogia com os do tipo de que estou tratando, por isso falo dêles nesta parte do meu artigo.

Claramente se compreende como as ferramentas modernas derivam das primitivas de pedra, pois para a produção de determinados efeitos os meios empregados tem de ser aproximadamente os mesmos. Assim hoje existem raspadores de gume recto e de gume curvo; igualmente existe na moderna ferramenta de carpinteiro uma plaina cujo gume apresenta a concavidade dos raspadores *coches* e que serve para fazer meias cavas de guarnições em relêvo. Com estes

coches pois se podia arredondar depressa uma vara, descarnar um osso e transformá-lo numa agulha ou num furador. Apresento um instrumento dêste género na fig. 7. Tem 0^m,57 de comprido, e o *coche* 0^m,012 de abertura.

A fig. 6 que também acompanha êste artigo mostra a forma geral dos raspadores côncavos, podendo a abertura porém ser mais fechada.

Facas e raspadores dos tipos descritos, caracterizam, como disse, as épocas acheuleana e mustereana. Podemos portanto afirmar que a estação paleolítica de Monsanto I foi habitada em tempos coevos daqueles em que florescia na Europa, e talvez pelo velho mundo todo, essa vigorosa civilização do Paleolítico Inferior que, apesar de rudimentar, já representava um avanço considerável sobre uma época anterior da humanidade.

VERGÍLIO CORREIA.

Pelo Alentejo

Arqueologia e etnografia

Por convite do Sr. António Paes, de Avis, que, ilustrado como é, consagra grande amor à história da sua terra, fiz últimamente uma excursão arqueológica pelo Alentejo, e d'ela vou aqui dar notícia rápida, enquanto não posso tratar de modo especial os assuntos que estudei.

Dia 5 de Agosto de 1912.—Às oito horas e meia da manhã embarquei no Terreiro do Paço para o Barreiro. Pelas três horas e meia da tarde cheguei a Évora, onde o Sr. António Paes me aguardava. Aí pernoitámos.

Dia 6 de Agosto de 1912.—Às cinco horas da manhã partimos em trem para Avis. Às seis horas e meia passámos nos campos de Santa Vitória do Ameixial, local da batalha que D. Afonso VI deu contra os Castelhanos, ganha a D. João de Áustria pelo conde de Vila-Flor, como consta de um padrão erecto à esquerda da estrada.—Na povoação de Santa Vitória o Rev.^{do} Manuel Diogo Grego, prior da freguesia, teve a bondade de me mostrar umas ruínas romanas, e de me dar um instrumento de ferro, que julgo também romano.—No Cano, extensa aldeia, obtive alguns objectos etnográficos curiosos, e um lindo machado neolítico de fibrolite.—Pelos campos